

INTERVENÇÃO

Da paixão à *imprimissão* ao amor à letra

“No decorrer dos anos, tipógrafo que fui e, em certa medida, continuo a ser, a minha prática de vida, em relação à ‘arte negra’, encaminhou-me para uma tripla visão dessa arte-ofício: tipógrafo, tipófilo, tipólogo. O contacto com os livros, especialmente com os livros raros, interessantes ou incomuns – algumas vezes originais, outras simples fac-similes –, principalmente os que refletiam nas suas páginas formas próprias da ‘idade de ouro’ da tipografia, levaram-me a olhar os seus caracteres mais demorada e agudamente do que até meados da minha vida tinha feito.”

Manuel R. P. da Silva

Manuel Frasco

Desde o começo do nosso relacionamento descobrimos muitas coisas comuns: na pia baptismal foi-nos dado o mesmo nome – Manuel; ambos éramos profundamente anti-fascistas; os dois gostavam da mesma indústria – a tipografia. E aqui tem lugar um esclarecimento: enquanto eu gostava da tipografia como uma forma estética de trabalho realizado com o material existente, pois era filho do dono de uma pequena oficina, Manuel R. Silva não limitava a sua actuação profissional a declamar loas à “menina dos seus olhos”, procurando modernizar o seu funcionamento e considerando úteis as acções tendentes a desenvolver, melhorando, todos os “ensinamentos” positivos recebidos, com o fim de atingir os objectivos projectados.

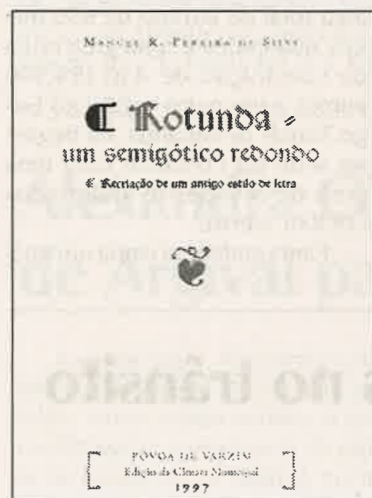
Estas declaradas afinidades (outras, sem interesse, poderiam ser referidas) trouxeram à memória um episódio que seria ridículo se não fosse pungente para os nossos “verdes anos” (verdes mas não irresponsáveis). Contemos: a PIDE, a maléfica e desumana polícia que sustentava a ditadura, procurava desmantelar o MUD Juvenil, aprisionando os elementos denunciados à custa de sevícias e outros tratamentos cruéis. Buscava na Póvoa um Manuel Ti-

pógrafo e, na sua arbitrariedade (abuso de autoridade, despotismo, prepotência), enclausurou o Manuel Silva, tipógrafo de profissão mas, que na altura, não era membro de qualquer oposição organizada, não “desconfiando” (?) que na Póvoa de Varzim havia outro Manuel também anti-fascista, também “tipógrafo”. Ou algo de semelhante...

Prossigamos. O incansável desejo de Manuel Silva para aprofundar e diversificar o seu já grande conhecimento da tipografia e do que a ela dissesse respeito e fosse importante levou-o a estudar as diferentes e sábias descobertas experimentadas e divulgadas ao longo dos séculos, tanto na impressão como na composi-

ção – e na encadernação – mas, principalmente, no desenho da letra. Terá nascido desse laborioso estudo a colecção dos seus desdobráveis/pedagógicos que se iniciou com a publicação do artigo intitulado “Tipografia Disciplina do Espírito” a que se seguiu um outro sobre a “Origem do sinal de parágrafo”, sinal gráfico que chegou até nós vindo do distante século XV, sem desdenhar, contudo, do desenho e do emprego que lhe era dado pelos copistas – antes da invenção e boa aplicação da tipografia; estes artigos didácticos e de divulgação, prosseguiram com outros versando sempre a tipografia e suscitando, por vezes, o seu pertinente comentário como este sobre as letras: *Nos tempos modernos, os caracteres “grotescos” conheceram uma grande voga, revolucionando profundamente o aspecto do livro e do impresso.*

Manuel Silva orientou a sua atenção para o percurso previamente “desenhado” e onde se situam os artistas que maior impacto tiveram quer na florescimento quer na renovação da tipografia ou, mesmo, no desenho da letra: “O impressor João Baskerville”, “João Baptista Bodoni, tipógrafo”, “Gutenberg, prototipógrafo”, “Aloísio Senefelder e a litografia”, “Christophori Dlantini-Labore et Constantia”, Didot, Nicolau Jenson, “Joaquim Ibarra,



Capa do livro



Impressor”, e outros que graças à sua inventiva e trabalho (compositores, impressores, desenhadores...) souberam abrir uma frutuosa “janela” no edifício da arte negra e que são, nos dias de hoje, ainda, reconhecidos orientadores de trabalhos gráficos: livros, folhetos, impressos vários, jornais, publicidade inclusive.

A necessidade de fazer disciplinar o estudo da tipografia e da letra levou-o a participar na sua divulgação pedagógica, pugnan-do pela importância cultural desta profissão, direccionando a sua intervenção para os estudiosos, divulgando, na medida do possível, os seus conhecimentos. O que, presumimos, o terá levado a organizar a primeira (e única, pensamos) exposição realizada na Póvoa, recriando um “antigo estilo de letra”, iniciativa que teve por “palco” o átrio da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto e deixou como lembrança um “texto de apoio à exposição *“Rotunda - um semigótico redondo”*.”

Iniciativa que antecipou um convite feito pela Direcção Regional de Cultura de Angra, dos Açores, com vista a, com a sua colaboração, comemorar o “Dia Internacional do Livro”, comemoração que, entre outras iniciativas, contou com a inauguração de uma exposição denominada *“Livros sobre livro - história da letra, do livro e da tipografia”*.

Contudo, a especial atenção por si dedicada à tipografia e a todas as coisas que a rodeiam levaram Manuel R. Pereira da Silva a elaborar um pequeno e não exaustivo *Glossário* que ocupa as três páginas finais de um trabalho sobre “as técnicas e os materiais da imprensa escolar”. Essen-

cialmente destinado a preservar algumas designações utilizadas profissionalmente nos dias de hoje – será difícil, sobretudo neste tempo de manifesta “invasão” tecnológica encontrar-se quem saiba o que é um *compendor*, ou o que é o *original*, ou então um *quadrilongo*, etc. – é, ao mesmo tempo, um sereno aviso para quem tem responsabilidade de salvaguardar os termos utilizados pelos nossos avoengos, termos caídos em desuso, muitos foram esquecidos, mas que, a nosso ver, continuam a pertencer ao nosso património.

Não podemos deixar de apelar para a atenção dos nossos leitores no sentido de não esquecerem o que o COMÉRCIO disse a propósito da cerimónia evocativa do saudoso poveiro, “tipógrafo e desenhador de caracteres” (ver este jornal de 30 de Abril de 2009), lembrando que entre as numerosas intervenções registadas em revistas gráficas a mais abrangente, para nós, veio reproduzida há anos na revista “Page”.

Terminamos este apontamento relembando que no dia 20 do passado mês de Abril, em Castelo Branco, durante a realização do I Congresso Internacional de Investigadores de História e Artes Visuais, um grupo de amigos de Manuel Rodrigues Pereira da Silva homenageou postumamente o “mestre” gráfico poveiro, estando a cargo do Prof. Doutor J. Antero M. Ferreira, seu excelente amigo, a apresentação da vida e da obra do nosso conterrâneo.

E perguntamos: *“Manuel Silva não merecerá que na Póvoa de Varzim lhe seja prestada idêntica homenagem?”*

ENIGMA 7

Sabe onde fica?

Embora esta imagem pareça pertencer a uma das nossas freguesia rurais, ela foi tirada bem perto do centro da cidade da Póvoa de Varzim.

Calculo que não saiba o nome desta rua, mas pelo menos sabe onde fica?

G.G.

Solução Enigma 6 (26 de Março)
Rua Alberto Jacques

